

"PARA QUE O BRASIL CONTINUE"

de Armando de Salles Oliveira

por RAUL DO REGO

O candidato paulista à fahada eleição presidencial brasileira publicara, antes do golpe de Estado, a primeira série de seus discursos políticos. Assim, de *discursos políticos* se sub-intitula o livro e como discursos foram proferidos, mas nós colocá-los-íamos antes no gênero da conferência. Não têm em geral o arrebatamento do discurso político, e neste ponto só pode ganhar a limpidez do juízo e a sua clara expressão; nem tampouco se traduzem pelas promessas fantásticas do candidato que quer fazer entrar na cabeça dos ouvintes um sonho: que desceu um anjo à terra para lhes trazer o céu. Caracteriza-os, pois, a serenidade de raciocínio e a consciência nas promessas. E ninguém dirá que não sejam duas qualidades eminentes

para o homem que aspira à suprema magistratura da nação brasileira. Democrata convicto e que sabe dar as razões da sua fé na democracia, tal nos aparece Salles Oliveira em todas as páginas do seu livro.

Três pontos, ao que nos parece, dominam nos discursos que o volume contém: a unidade brasileira, a educação e o momento social. E' este último ponto que nos parece a parte menos concreta do livro; vê-se um ou outro artigo de programa, mas um programa definido não se tira do discurso pronunciado em *Juiz de Fora*, que aliás tem ideias magnificas e partes bem definidas, como por exemplo: «E' necessário pôr os sindicatos profissionais ao abrigo de qualquer intromissão política».

A unidade brasileira vê-se em quasi todos os discursos com uma clareza meridiana, e a paz do Brasil, parece-nos, e parece aos que conhecem a grande nação Sul Americana que só as ideias de Salles Oliveira postas no Palácio de Catete a podem assegurar. «A nossa causa é a defesa das prerrogativas essenciais da nação, entre os quais como principio vital da Federação, e, portanto, da unidade brasileira, está a autonomia dos Estados».

Dissemos que na questão social não apresenta propriamente um programa; outro tanto não sucede com a educação. Contém um programa o discurso do Teatro Municipal de Belo-Horizonte. Perfeito? Não. Por que? porque era pronunciado em discurso de propaganda eleitoral, e, des-

sa circunstancia (de que o autor poucas vezes se ressentiu), o ser muito difuso, repetindo neste parágrafo o que disse no precedente.

O que o povo precisa de conhecer no homem que elege é a sua formação política, o seu pensamento e as suas ideias nos pontos de que dependem todos os outros e tudo isso se vê muito bem através de uma prosa equilibrada e clara em quasi todo o volume. Promessas fantásticas não precisa delas o antigo governador de S. Paulo, que deixou no Estado Bandeirante uma das obras administrativas mais honestas e dinâmicas de todo o Brasil moderno.

Não duvidamos de que à frente da nação o grande homem de estado fôsse o mesmo que no governo de S. Paulo.

COMENTÁRIO PARA COMPREENDER

(continuação da página anterior)

leitura destas palavras envolviam, na sua exposição pela minha pessoa, uma tal gravidade, que meditei cuidadosamente na atitude a tomar. Eu sabia que tínhamos a considerar três momentos, ou três concepções de dialéctica. Na primeira a dialéctica seria a técnica lógica das definições: na segunda seria «uma opposição e composição de ideias»; na terceira o problema punha-se, segundo as palavras de Henri Lefévre, assim: «Toda a realidade é uma totalidade, uma e múltipla, de momentos que se envolvem em profundidade e dos quais cada um contém outros momentos, outros aspectos, outros elementos saídos da sua história. A realidade transporta assim o pensamento e o ser é anterior à consciência; a realidade é natureza, matéria, mas é contudo captável na sua infinita riqueza de determinações, pelo pensamento humano que progride, apoiado na «praxis», e se torna cada vez mais penetrante, flexível, «poliscópico», e tende, como para um limite, para o conhecimento absoluto».

Sabendo que quando se fala em «materialismo dialéctico», e isto pertence à instrução primária desta corrente filosófica, se compreende por «dialéctica» o movimento contradictório e sintético da matéria, eu tinha perante a cri-

tica do sr. António Sérgio a possibilidade de duas posições:

a) Opondo a dialéctica idealista (desenvolvimento de ideias) ao materialismo, para provar o absurdo da frase «materialismo dialéctico», o sr. Sérgio esquecia propositalmente a existência da dialéctica materialista (certo desenvolvimento da matéria). E procurava assim, num «truc» infantil, ludir o leitor confiante. Mas não posso acreditar que houvesse ilusões sobre o papel duma habilidade tão frágil;

b) O sr. Sérgio ignorava a existência da dialéctica materialista e era esta uma hipótese que se confirmava pela que o sr. Sérgio parecia desconhecer no primeiro tema um outro ponto essencial da corrente filosófica que criticava.

Mas havia eu, um jovenzinho muito ignorante ainda, acusar de ignorância uma pessoa de tanto saber, de tanta capacidade mental, com tanta fama de esportezza, com uma obra tão marcante, como o sr. António Sérgio?... Confesso que é humildemente, mais envergonhado do que decidido, que me coloco na ingrata posição de admitir o desconhecimento destas coisas essenciais por parte do sr. Sérgio. Creia que é sem «pesporrência» que lhe peço, quasi de joelhos, para meditar, com assento e desin-

teressadamente, nestas coisinhas importantes; mas não tenha pressa, ponha de parte interesses polémicos, e medite só depois de as conhecer e compreender.

Terceiro Ponto. O sr. António Sérgio refere-se aqui ao emprego de palavras «superior», «justo», «injusto», mas como raciocina para o materialismo mecanista parece-me que não vale a pena tocar este assunto.

Por outro lado, se o sr. António Sérgio sentia a necessidade de falar nisto, era lógico que falasse em resposta a quem usou daquela expressão (embora do ponto de vista dialéctico); o que é estranho é que se refira ao que alguém escreveu após ter tido para esse alguém uma atitude assaz descomposta.

Quarto tema. Diz o sr. António Sérgio: «Eu não discuti naquele meu artigo nenhuma das teses humanas (por que assim digamos) da doutrina chamada «materialismo dialéctico»; só discuti a justeza da sua afirmação metafísica, a saber: aquela designação de «materialismo», dada a uma doutrina que—em meu juízo—não é materialista». E' evidente que tudo isto não passa de puro formalismo: se o sr. Sérgio, para provar que certa doutrina não é materialista, ataca as duas bases essenciais dessa doutrina afirmando-as como absurdos—implicitamente dis-

cute uma das teses humanas.

Acusa-me ainda o sr. António Sérgio de ter dado «um sentido geral, universal, indeterminado» a uma passagem por êle escrita em referência às «vulgarísimas e conhecidíssimas argumentações dos jornalistas-apologistas católicos». Com o fim de avivar a memória do sr. Sérgio, transcrevo o período que no número 515 da Seara Nova precede imediatamente a frase por mim transcrita. Devo prevenir que os sublinhados são meus.

«Há-de acreditar o irmão católico que NISSO de argumentações não sou eu nenhum péco, e que já vi, examinei, compreendi, pesei, quanto de melhor apareceu até hoje EM MATERIA de argumentações».

Como vê, era num «sentido geral, universal, indeterminado» que a frase estava expressa. O sr. António Sérgio declara referir-se a certas «vulgarísimas e conhecidíssimas argumentações» e eu não quero duvidar da sua palavra. Lembro, contudo, que teria sido conveniente que o sr. Sérgio admitisse ao menos a possibilidade duma interpretação, embora errada. Quanto aos conselhos sobre a «beleza interior» e o «ser nobre, puro, cavalheiresco, leal», permita-me o sr. António Sérgio que lhe proponha como coisa excelente, como coisa mesmo muito excelente, que encerremos esta questão.